

De leitores e tradutores

Entrevista com o tradutor Eduardo Brandão

Angélica Karim Garcia Simão¹

Laura Janina Hosiasson²

O carioca Eduardo Brandão traduz obras literárias infantojuvenis e textos da área de ciências humanas, filosofia e história desde a década de 1970. Trabalha principalmente com as línguas espanhola e francesa, e é responsável pelas traduções de grandes nomes das literaturas espanhola e hispano-americana contemporâneas, como Javier Marías e Roberto Bolaño.

Na entrevista concedida via correio eletrônico para o terceiro número da *abehache* sobre tradução, Eduardo fala do que, para ele, diferencia o papel do tradutor do papel do autor, dos “tiques” de tradutores, da invisibilidade deste “profissional das sombras” – nas palavras do próprio tradutor –, das dificuldades ao se traduzir as diferentes variantes espanholas; além de expressar sua já conhecida paixão pelo escritor chileno Roberto Bolaño na forma de “síndrome de abstinência antecipada”.

O que significa para você ser tradutor da língua espanhola no Brasil?

Flaubert escreve a certa altura d’*A educação sentimental*: “Há homens que têm como única missão entre os outros homens servir de intermediário; passa-se por eles como por uma ponte, e vai-se mais longe.” Encaro assim a tradução, uma ponte entre povos, culturas, que possibilita ir mais longe no

¹ Doutora. UNESP/São José do Rio Preto.angelica@ibilce.unesp.br

² Doutora. USP. lhosiass@uol.com.br

entendimento fraterno entre eles. Contribuir para essa obra de arte (assim os engenheiros chamam as pontes) que reforça nosso laço com os povos de língua espanhola – é esse o significado maior do nosso trabalho.

Você acredita que um grande tradutor é também um grande escritor?

Sim e não. Sim, do ponto de vista da arte da escrita, já que para ser um bom tradutor é preciso escrever bem; um tradutor, desse ponto de vista, também é escritor. E não, porque o escritor, enquanto autor, é um criador, a obra é fruto do seu engenho, não só da sua arte; cabe ao tradutor a tarefa de tornar a obra criada pelo autor acessível a leitores de outros idiomas, transcrevendo-a do idioma original.

Não é só do ponto de vista criação/transcrição que o trabalho de ambos difere: os processos de criação e de tradução da obra são distintos, os mecanismos que eles põem em movimento são diferentes. O autor inventa, constrói, desenvolve ideias, imagens, enredos... Elege seu vocabulário, amalgaма os diversos elementos da ficção com seu estilo. O trabalho do tradutor é um trabalho de associação de ideias, de busca de correspondências, de reprodução de imagens, estilo, vocabulário. O ponto comum entre os dois é a ferramenta que empregam: a escrita.

Ao longo de sua carreira, você acredita ter desenvolvido um método ou estratégias específicas de tradução?

Método, estratégia me parecem termos excessivos, em se tratando do trabalho de tradução, na medida em que impliquem uma ideia de organização sistemática para alcançar determinado resultado. Ora, o resultado é a obra, que já é entregue pronta ao tradutor, sua organização já está dada; este a toma da primeira palavra e a segue até o ponto final, com a maior fidelidade possível à letra e ao espírito dessa. Não creio que exista um método para alcançar esse resultado, limito-me a acompanhar o autor. O melhor método, se despirmos esse termo do seu inevitável conteúdo cartesiano, é usar o bom senso, que Descartes logo no início do seu *Discurso* dizia ser “a coisa mais bem distribuída do mundo”.

Pode-se falar, sem dúvida, de maneiras de trabalhar, mais modestamente ainda: dos “tiques” de cada tradutor. Assim, por exemplo, há tradutores que sempre leem a obra antes de traduzi-la, que reveem o que traduziram no fim do dia ou do parágrafo etc. Se alguém tiver curiosidade sobre como procedo nesses itens, eis alguns dos meus cacoetes, sobre os quais costumam me indagar. Sempre que o prazo permite, deixo a tradução dormir um pouco no micro, antes de revê-la: esse distanciamento temporal ajuda a rever com olhos repousados as dificuldades e dilemas encontrados no caminho. Raramente

costumo ler a obra antes de traduzi-la. Uma dessas raras exceções foi o primeiro livro de Bolaño que traduzi: *Nocturno do Chile*. A novela vai de um só jato ininterrupto, parece escrita de um só fôlego. Como o meu não é tão grande quanto o do Bolaño, lá pela vigésima página temi me afogar no meio do caminho: parei a tradução, li de um fôlego só (para isso o meu bastou), depois retomei, não sem antes reler o que havia traduzido. Não é preciso acrescentar que no mais das vezes procedo a um vaivém entre o que está sendo e o que já foi traduzido, conforme o desenrolar do texto exija.

Um dos aspectos que chamam bastante atenção na produção de Roberto Bolaño, e que parece representar um desafio maior para a tradução de suas obras, é uma espécie de ubiquidade linguístico-idiomática construída em torno das diferentes variantes do idioma espanhol. Em *Nocturno de Chile*, por exemplo, tanto a fala, como as gírias e as expressões idiomáticas pertencem à variante chilena; em *Los detectives salvajes* tal fato se transfere ao léxico mexicano. O mesmo ocorre em *Dos cuentos católicos*, de *El gaucho insufrible*, no qual Bolaño flerta com o Sul de Borges. Essas questões parecem ter sido pensadas pelo autor com objetivos claros e parecem se relacionar às concepções políticas que ele tem da diversidade e da falsa homogeneidade da língua espanhola, tanto na América, quanto na Espanha. Como você lida com esse fenômeno ao traduzir a obra desse autor?

Este problema das variações da língua não me parece ter solução ideal. Mas não é de uma obra a outra que ele se manifesta: nesse caso, trata-se apenas de traduzir as gírias, as expressões etc. Traduzir *Nocturno do Chile* e os *Detectives selvagens* não difere de, por exemplo, traduzir uma obra de Bolaño e uma de Marías. O problema existe quando essas variações se dão dentro de uma mesma obra, como é o caso dos *Detetives selvagens*. Aí, Bolaño brinca com os diversos falares latino-americanos: o mexicanês predomina, mas há também personagens peruanos, argentinos, a uruguaia Lacouture, que reaparece em *Amuleto*, espanhóis, galegos, catalães... Qual a solução? Como já disse, creio que não há: só mesmo o leitor hispanoparlante pode apreciar plenamente essa brincadeira com as variantes da língua espanhola. Assim como só o lusófono pode ler autores portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos... e desfrutar as diferenças entre seu escrever. Não costumo fazer a diferenciação, não vejo como.

De qualquer modo, não me parece ser uma característica importante da obra de Bolaño realçar as diversidades, mesmo que ele brinque com isso: Bolaño as transcende, seus personagens das diversas hispanidades protagonizam a seu modo, em diversos níveis (político, poético...) o drama, ou tragédia, dos hispano-americanos, como se vê bem em *Amuleto*, sua obra supera, pois, no sentido dialético do termo, essa diversidade elevando-a ao plano superior

da comunhão de destinos. E, aliás, não só hispano-americanos. Em *Detetives selvagens* intervêm personagens de outras origens: europeus variados, judeus... O mesmo drama, ou tragédia, une toda uma geração acima de fronteiras e línguas. Mas aqui já estou saindo do terreno da tradução.

Você realiza algum processo de pesquisa ao traduzir uma obra (consulta sobre o estilo do autor, sobre o texto, tendências literárias etc.)?

Não costumo fazer esse gênero de pesquisas. Em particular, nunca leio as críticas e resenhas sobre a obra que vou traduzir; quando os editores me pedem para traduzi-las, só o faço depois de terminada a tradução da obra. Prefiro ir descobrindo a obra à medida que vou trabalhando nela e enxergá-la com meus olhos, sem a intervenção de olhos alheios. Mesmo quando um romance ou conto dialoga com o conjunto da obra ou com outros escritos do mesmo autor, ela tem sua individualidade, e assim o tradutor deve encará-la. Um exemplo desse diálogo constante é dado por dois autores que venho traduzindo: Javier Marías e Roberto Bolaño. Levo sempre em conta essa integração, claro, porque, tanto em Marías (sobretudo) como em Bolaño, ela se dá não só ecoando cenas, personagens, temas, mas inclusive reproduzindo trechos inteiros, às vezes literalmente. Acrescento que não costumo me interessar muito pelo autor, quero dizer, por sua história pessoal, suas características e idiossincrasias. Geralmente, sei deles muito pouco. Obra(s) e (pessoa do) autor são entidades distintas: uma vez que o autor dá seu livro ao prelo, este passa a ter vida própria, independente, e assim toda a sua obra.

Minhas pesquisas se concentram em elementos da obra, como referências históricas, a personagens reais, a elementos locais, culturais, localidades etc. Graças ao recurso dos mapas do Google, pude descobrir que de fato existe no México uma localidade chamada Santa Teresa, que seria a recriação fictícia de Ciudad Juárez, em 2666 de Bolaño: é um povoadozinho minúsculo, de um punhado de habitantes (se bem me lembro não chegam a uma dúzia!), perdido no meio do nada. Gosto de imaginar que ele tenha passado por lá: acho muito mais divertido pensar assim do que o mesmo nome ser pura coincidência. Com esse recurso passei também a acompanhar as andanças dos personagens, por curiosidade, mas também para maior precisão tradutória. No penúltimo romance da trilogia de Javier Marías *Seu rosto amanhã*, o narrador segue um personagem pelas ruas de Madri; esconde-se atrás de uma árvore para vê-lo entrar em seu prédio; descreve o portão. Graças a esse recurso, encontrei a árvore, vi o portão e pude descrevê-lo com maior fidelidade.

Você acredita que a língua espanhola contenha algum elemento que seja especificamente mais resistente à tradução?

Não creio. Todas as línguas têm suas peculiaridades e suas dificuldades. Apresentam necessariamente idiotismos sem tradução exata. Um exemplo? As blasfêmias, tão comuns em várias línguas, praticamente inexistem em português. Se, como cantava Noel, “o samba não tem tradução no idioma francês”, *me cago en Diós*, não a tem no idioma português. Há que adaptar conforme o contexto.

Muitos percebem a proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola como facilitadora da tradução entre elas. O que você pensa dessa proximidade?

Essa proximidade não ajuda nem atrapalha. O que conta mesmo para “facilitar” a tradução é o fato de praticar, traduzir constantemente de uma língua. Não vejo diferença notável entre traduzir do espanhol e do francês, as duas línguas com que trabalho regularmente. Também não creio que essa proximidade atrapalhe: os famosos falsos cognatos são uma armadilha para o tradutor de qualquer idioma. O tradutor tem sempre de estar atento para não cair nelas, o que pode acontecer à menor distração.

Você já traduziu algumas obras importantes da literatura espanhola e hispano-americana. Existe uma responsabilidade maior ao se traduzir um autor mundialmente reconhecido?

Não sinto isso. Para mim, há sim diferença – e grande – ao traduzir um autor com que me identifico, de quem gosto especialmente. É o caso do Bolaño. Como não restam quase mais obras dele a traduzir, começo a sentir uma espécie de síndrome de abstinência antecipada. Não gosto nem de pensar em como vai ser no dia em que não tiver mais nenhum título dele para traduzir... Já são quase dez anos de convívio apaixonado.

Roberto Bolaño e Ricardo Piglia nunca chegaram a se conhecer pessoalmente, mas existe uma conversa por internet, auspiciada pelo jornal espanhol *El País*³, na qual os dois autores “passeiam” por variados assuntos, conferem predileções etc. Em determinado momento, entram diretamente no tema da tradução e dos tradutores. Para Bolaño, um grande tradutor pode ser considerado

³ *El País*, Cuaderno Babelia, 3/3/2001 (<http://www.sololiteratura.com/bol/bolaentrpiglia.htm>).

um grande autor invisível. Piglia, completamente de acordo, confessa seu fascínio por esses “escuros personagens extraordinários, escritores assalariados que escrevem a tantos centavos por palavra”. Pensando nessa mútua admiração pela tradução, a pergunta que faria é se você concorda com isso? Será que são justamente os escritores aqueles que melhor conseguem entender o ofício de um tradutor?

Acho que quem melhor entende os tradutores são eles próprios – e os bons editores. O Piglia talvez até os entenda melhor que eles próprios por estar nas duas pontas, a autoria e a tradução. Bolaño toca num ponto que considero crucial e que me esforço em ter como bússola: a invisibilidade da tradução, a mão invisível do tradutor. (Quanto a este também ser um autor, já respondi em outra oportunidade⁴.) A tradução ideal seria aquela que fosse como uma xerox do original, isto é, que fosse capaz de reproduzir tudo, em seus mais ínfimos detalhes, o que o autor pôs no original, suprimindo a barreira entre a obra e sua tradução. Mas aí seria a própria obra original, e não sua tradução! Mas como essa barreira é inevitável, por ser impossível reproduzir plenamente um autor, trata-se de torná-la o mais baixa e transparente possível, uma barreira de vidro bem fininho já seria um bom resultado. Como se faz isso? Procurando ser o mais fiel possível ao universo, à atmosfera, ao estilo, reproduzir as sutilezas e nuances, ou seja, renunciar a qualquer veleidade autoral, a tomar liberdades indevidas com a obra que traduz.

Nesse mesmo sentido, é interessante observar que Piglia tem levado adiante essa fascinação pelo tema, a ponto de ter anunciado um estudo dedicado à literatura e à tradução.⁵ Segundo ele, o melhor leitor de um romance é o seu tradutor já que é o único que lê palavra por palavra, e que está à espreita de cada vocábulo, cada vírgula, cada eventual ‘equivoco’ produto de alguma eventual formulação errática. Essa mesma concepção pode ser observada em Borges, quando afirmava que o seu tradutor conhecia o seu texto melhor do que ele próprio, que só o escrevera uma única vez e tratara de esquecê-lo. Além disso, é o tradutor quem vai escolhendo entre os vários sentidos, a fim de selecionar dentre eles o que melhor se adequa à tradução para a outra língua. O que você pensa sobre isso?

⁴ O tradutor se refere à entrevista concedida ao blog da Companhia em 13/10/2010, disponível em <http://www.blogdacompanhia.com.br/2010/10/traduzindo-bolano/>

⁵ Conferência proferida por Ricardo Piglia em São Paulo, em 26/07/2011, por ocasião dos 25 anos da Editora Cia. das Letras.

O Borges tem razão: o tradutor conhece a fundo a obra do autor, cada vocábulo, cada vírgula, cada equívoco, como foi dito. Por isso mesmo, a leitura do tradutor é uma leitura diferente da do leitor puro e simples. Não só em como ela se dá, mas no objetivo também. O leitor tem como objetivo o prazer, saboreia o estilo, divaga com uma formulação que o toca, interage com o personagem; o tradutor lê por ofício, para em cada vírgula, em cada..., seu objetivo não é o prazer da leitura, mesmo que traduzir lhe dê prazer (mas aí o prazer é, não da leitura, mas da tradução); faz uma espécie de leitura microscópica, o leitor, macroscópica. O tradutor se preocupa em como vai passar certa imagem para a sua língua; o leitor não pensa nisso, no máximo pode se dizer: pena que os que não leem esta língua não vão poder usufruir desta passagem tão bela em toda a sua plenitude. O leitor que topa com esta maravilha escrita por Horacio Ferrer: *me pondré por los hombros, de abrigo, toda el alba*, se extasia com a beleza da imagem, procura sentir o calor do sol nascente em seu corpo. O tradutor: como vou transmiti-la: porei em meus ombros (nos ombros), de (como?) agasalho, toda a alvorada; jogarei nos (em meus?) ombros..., porei (jogarei) nos/em meus ombros, para me agasalar, toda a alvorada? E tome quebrar a cabeça com cada vocábulo, cada vírgula, cada equívoco... Já a cabeça do leitor sai incólume, sem nem sequer um arranhãozinho.

Que obra você gostou mais de traduzir? Por quê?

As obras do Bolaño, todas, mesmo as que alguns dizem menores, pelas razões acima. Gostei muito também do último Marías, *Os enamoramentos*, uma de suas melhores obras, sem exagero uma obra-prima.

Como gosto muito do meu trabalho, não teria exagerado se houvesse respondido simplesmente: a obra que mais gostei de traduzir foi a última. Ainda que o texto não fosse lá essas coisas...

Você é um leitor de traduções? Há alguma tradução que gostaria de ter feito?

As línguas que domino prefiro ler no original. Já os japoneses, russos...

Gostaria muito de ter traduzido qualquer obra de Carlos Fuentes, se não fosse querer demais, toda ela. Inclusive seus textos não literários. É uma das cabeças mais notáveis da América Latina. À parte isso, uma obra que me frustrou não ter traduzido foi *Los siete locos*, do argentino Roberto Arlt. Eu a li num momento conturbado da minha vida, tenho por isso uma relação afetiva toda especial com ela. Propus a uma ou outra editora, já não lembro quais, mas não deu certo. Foi lançada mais tarde pela Francisco Alves. Quem sabe numa futura reedição me convidam para retraduzi-la...

Gostaria também de poder traduzir Horacio Ferrer, grande poeta, figura exponencial do tango. Bem que tentei, não gostei do resultado. Desisti. Decididamente, tradução de poesia não é minha praia.

Conte como é a sua experiência com a crítica realizada sobre seu trabalho como tradutor.

Geralmente, as resenhas ou críticas não costumam falar da tradução. Acho que fazem muito bem, pois criticar uma tradução suporia cotejar o texto traduzido com o original, o que raramente é feito, talvez até porque não tenha maior interesse para o público leitor: afinal, quando o leitor compra um romance do Bolaño é para ler esse autor, não seu tradutor, e é a esse anseio que a resenha ou crítica acertadamente respondem. Quando falam em boa ou má tradução, portanto, na verdade estão se referindo ao texto mais ou menos feliz do tradutor.

Você daria algum conselho para tradutores de espanhol que estejam em formação?

Só um: ler, ler, ler. Em espanhol e em português. Sem isso não haverá boa tradução. E acaso haverá boas obras a traduzir, se não forem os escritores assíduos leitores?